O Natal Também Se Serve à Mesa

O Natal Também Se Serve à Mesa

*

Sebastian Rose

Lumina

O Natal Também Se Serve à Mesa
Autor: Sebastian Rose
Design da capa: Lumina
ISBN: 9789403967066
© Sebastian Rose, 2026. Todos os direitos reservados.
Primeira edição: 2026
Publicado por Bookmundo

Prólogo

*

A casa onde o Natal começava cedo

Na casa de Amélia Figueiredo, o Natal começava sempre antes de dezembro.

Não por devoção especial ao calendário, nem por qualquer ansiedade em antecipar as festas, mas porque havia coisas que, naquela família, exigiam preparação, paciência e uma quantidade considerável de discussões. A primeira era o bacalhau. A segunda, a disposição das pessoas à mesa. A terceira, e de longe a mais complicada, era conseguir que todos chegassem à mesma hora.

Aos setenta e dois anos, Amélia já tinha desistido de resolver a terceira.

Quanto às outras duas, não admitia interferências.

Naquela manhã de finais de novembro, estava de pé diante da mesa da cozinha, com um caderno de capa vermelha aberto e os óculos pousados na ponta do nariz. Lá fora, a chuva miudinha molhava os canteiros e escorria pelos vidros. Dentro de casa, cheirava a café acabado de fazer, pão torrado e casca de laranja que Amélia deixara junto ao fogão.

— Vinte e três — anunciou.

Do outro lado da mesa, o marido ergueu os olhos do jornal.

— Vinte e três quê?

— Pessoas, Augusto. Pessoas. Não estou a contar galinhas.

— Ainda.

Amélia ignorou-o.

— Vinte e três pessoas para a consoada. Se a tua irmã vier com aquele namorado novo, vinte e quatro.

— O homem tem nome.

— Eu sei que tem nome.

— Então chama-lhe pelo nome.

— Quando tiver a certeza de que dura até ao Natal.

Augusto dobrou o jornal com a calma de quem aprendera, ao longo de quarenta e oito anos de casamento, que certas batalhas não mereciam sequer o esforço de começar.

— O anterior durou até à Páscoa — observou.

— Precisamente. E eu ainda tenho uma travessa que ele levou emprestada.

A casa dos Figueiredo ficava numa aldeia dos arredores de Alcobaça, numa rua estreita onde as casas antigas conservavam os muros de pedra e as hortas teimavam em sobreviver entre construções mais recentes. Era uma casa grande, de dois pisos, com uma cozinha que parecia ter sido construída para alimentar um regimento e uma sala de jantar onde cabiam vinte pessoas sentadas, vinte e cinco apertadas e trinta se ninguém se importasse de comer com os cotovelos junto ao corpo.

Em tempos, Amélia chegara a servir trinta e duas.

Ainda hoje falava dessa noite com o orgulho de um general que tivesse vencido uma batalha particularmente difícil.

O problema, naquele ano, não era a falta de espaço.

Era a cadeira número vinte e três.

— A Teresa confirmou? — perguntou Augusto.

Amélia deixou de escrever.

— Confirmou.

— E vem sozinha?

— Não sei.

— Perguntaste?

— Perguntei.

— E ela?

— Disse que vinha.

Augusto esperou.

— E mais nada?

— Mais nada.

Havia um silêncio especial que surgia naquela cozinha sempre que se falava de Teresa. Não era um silêncio triste, nem sequer desconfortável. Era antes uma pausa carregada de coisas que ambos sabiam, mas que nenhum dos dois considerava necessário repetir.

Teresa era a filha mais nova. Tinha quarenta e dois anos, vivia em Lisboa, trabalhava numa editora e possuía uma capacidade extraordinária para organizar a vida dos outros, embora a sua parecesse resistir a qualquer tentativa de arrumação.

Era bonita, inteligente, independente e, segundo Amélia, teimosa como uma porta que inchara com a humidade.

Tinha sido casada durante onze anos com um homem simpático, educado e perfeitamente incapaz de perceber que o casamento precisava de mais do que duas pessoas a pagar contas na mesma casa. Separaram-se sem grandes escândalos, o que Amélia considerava quase uma falta de respeito pela instituição matrimonial.

Desde então, Teresa aparecia no Natal, ajudava a pôr a mesa, ria-se com os sobrinhos, discutia política com o irmão e regressava a Lisboa no dia vinte e seis, levando sempre uma caixa de sonhos e outra de rabanadas.

Dizia que estava bem.

E estava.

Só que havia uma diferença entre estar bem e estar feliz, e Amélia, que passara a vida inteira a distinguir a fome da vontade de comer, sabia reconhecer essa diferença.

— O Miguel também vem — disse Augusto, voltando a abrir o jornal.

A caneta parou no ar.

— Que Miguel?

— O Miguel da Rosa.

Amélia tirou os óculos.

— O Miguel da Rosa?

— Conheces outro?

— O filho da Rosa, que foi para o Porto?

— Esse mesmo.

— O Miguel que andava sempre atrás da Teresa?

— Não me lembro de ele andar atrás dela. Lembro-me de andarem os dois atrás um do outro.

Amélia sentou-se devagar.

— E vem passar o Natal cá?

— Parece que sim. A Rosa disse-me ontem, na mercearia.

— E a mulher?

— Que mulher?

— A mulher dele, Augusto. Não me obrigues a fazer-te um desenho.

— Separaram-se há dois anos.

Amélia ficou a olhar para o marido.

Depois pegou novamente na caneta.

— Vinte e quatro.

Augusto baixou o jornal.

— O quê?

— Vinte e quatro pessoas.

— Mas o Miguel não vem cá a casa.

Amélia escreveu mais um nome no caderno.

— Ainda.

Augusto observou-a durante alguns segundos e acabou por sorrir.

— Tu não tens emenda, mulher.

— Tenho setenta e dois anos. Se ainda não me emendei, não vai ser agora.

Levantou-se, abriu o armário e retirou uma travessa de porcelana branca com pequenas flores azuis pintadas nas bordas. Era a travessa grande, a que só saía em dias especiais, herdada da mãe e cuidadosamente guardada durante o resto do ano.

Passou-lhe um pano, embora estivesse limpa.

— Sabes uma coisa, Augusto?

— Diz.

— Este ano vamos ter um Natal bonito.

Ele olhou para a travessa.

— Desde que não te lembres de fazer mais comida do que no ano passado.

— No ano passado faltaram sonhos.

— Amélia, sobraram quarenta e seis.

— Porque a tua irmã levou uma caixa antes de chegarem os outros.

Augusto abanou a cabeça.

— Não se pode discutir contigo.

— Podes. Não ganhas é nada com isso.

Lá fora, a chuva tinha parado. Um raio de sol atravessou as nuvens e iluminou a laranjeira do quintal, carregada de frutos ainda verdes. Na rua, alguém passou de trator, devagar, e cumprimentou Augusto através da janela.

Amélia colocou a travessa sobre a mesa, ao lado do caderno vermelho.

Durante um instante, ficou a contemplar os nomes que escrevera.

Os filhos. Os netos. Os irmãos. Os cunhados. Os sobrinhos. A Rosa, que ficara viúva e nunca mais passara uma consoada sozinha. O senhor Joaquim, vizinho de oitenta e seis anos, que todos os anos dizia que não queria incomodar e todos os anos acabava por adormecer no sofá depois do jantar.

E agora Miguel.

Sorriu.

Não era um sorriso de quem preparava uma armadilha. Amélia nunca se considerara uma mulher dada a intrigas. Limitava-se a acreditar que, quando duas pessoas tinham sido felizes juntas, o destino merecia uma pequena ajuda.

Sobretudo no Natal.

— Augusto?

— Hã?

— Vai buscar mais duas cadeiras à arrecadação.

— Para quê? Ainda falta quase um mês.

— Porque depois esqueces-te.

— Temos cadeiras suficientes.

— Não temos.

— Amélia...

— Augusto, por amor de Deus, vai buscar as cadeiras.

Ele levantou-se, resignado, vestiu o casaco e encaminhou-se para a porta das traseiras.

Antes de sair, voltou-se.

— E se a Teresa não quiser nada com o Miguel?

Amélia fechou o caderno.

— Então comem bacalhau.

Augusto soltou uma gargalhada.

— E se quiser?

Ela olhou para a travessa de porcelana, para a mesa comprida e para a janela por onde entrava a luz tímida daquela manhã de novembro.

— Então, meu querido, comem bacalhau na mesma.

E riu-se também.

Porque, naquela casa, o amor podia ter muitas formas, chegar atrasado, perder-se pelo caminho ou precisar de uma segunda oportunidade.

Mas a consoada servia-se sempre às oito.

E ninguém, absolutamente ninguém, ficava sem lugar à mesa.

Capítulo 1

*

Há mães que não sabem telefonar só para dizer olá

Teresa Figueiredo estava a tentar convencer uma escritora de que um romance não precisava de terminar com a morte de alguém quando o telemóvel começou a tocar.

Era uma quinta-feira, faltavam vinte e nove dias para o Natal e Lisboa tinha acordado com aquele frio húmido que entrava pelos casacos e fazia as pessoas caminharem mais depressa, mesmo quando não tinham pressa nenhuma. Na pequena editora onde trabalhava, perto do Largo do Rato, o aquecimento funcionava com uma irregularidade quase artística e a máquina de café tinha decidido, pela terceira vez naquela semana, que os clientes deviam aprender a apreciar bebidas mornas.

Teresa tinha quarenta e dois anos, o cabelo castanho apanhado num coque que começara o dia impecável e já ameaçava desmoronar-se, e uns olhos verdes que a mãe descrevia como muito bonitos, sobretudo quando a filha não estava zangada.

Naquele momento, estava ligeiramente zangada.

— Marta, ninguém está a dizer que o teu livro não é bom. Estou a dizer que, depois de trezentas páginas a torcermos por estas duas pessoas, talvez não seja necessário atropelar uma delas com um autocarro.

Do outro lado da secretária, Marta Vale, escritora de três romances publicados e uma capacidade inesgotável para encontrar sofrimento onde os outros encontravam esperança, cruzou os braços.

— Mas é inesperado.

— Também seria inesperado se o autocarro fosse conduzido pelo Papa. Não quer dizer que seja uma boa ideia.

A assistente editorial, sentada junto à janela, disfarçou uma gargalhada atrás do ecrã do computador.

Marta não achou graça.

— Estás a querer transformar o meu romance numa história cor-de-rosa.

— Não. Estou a querer que as personagens tenham direito a alguma felicidade depois de tudo o que lhes fizeste.

— A vida não é assim.

Teresa recostou-se na cadeira.

— Às vezes é, Marta. Às vezes as pessoas apaixonam-se, discutem, fazem asneiras, pedem desculpa e acabam juntas. Acontece todos os dias. Não aparece nos jornais porque ninguém considera notícia duas pessoas que se amam e conseguem estacionar o carro sem discutir.

O telemóvel voltou a vibrar sobre a mesa.

Mãe.

Teresa olhou para o ecrã e deixou-o tocar.

— E se eu deixar o final em aberto? — perguntou Marta.

— Desde que o autocarro fique na garagem, podemos conversar.

O telefone parou.

Três segundos depois, voltou a tocar.

Teresa fechou os olhos.

Conhecia aquele método.

A mãe nunca deixava uma chamada por atender. Considerava que um telefone era um instrumento de comunicação imediata e não uma espécie de caixa de correio para pessoas que tinham coisas mais importantes para fazer.

— Desculpa, Marta. Tenho de atender.

— Algum problema?

— Ainda não sei. Mas conhecendo a minha mãe, pode envolver uma emergência médica, uma promoção de bacalhau ou a descoberta de que alguém vai casar.

Atendeu.

— Olá, mãe.

— Teresa, estás ocupada?

— Um bocadinho.

— Então não te demoro.

Era a frase mais perigosa do vocabulário de Amélia Figueiredo.

— Diz lá.

— Já sabes a que horas vens no dia vinte e três?

Teresa olhou para o calendário pendurado na parede.

— Mãe, ainda estamos em novembro.

— Eu sei em que mês estamos, filha. Tenho um calendário na cozinha.

— Então porquê tanta pressa?

— Porque preciso de organizar as coisas.

— Que coisas?

— As coisas do Natal.

— Mas o Natal é daqui a um mês.

— Vinte e nove dias.

Teresa sorriu.

— Andas a contar?

— Alguém tem de contar. O teu pai, se dependesse dele, comprava o bacalhau no dia vinte e quatro e ainda perguntava se havia tempo para o demolhar.

Ao fundo, Teresa ouviu uma voz masculina.

— Eu ouvi isso!

— Ainda bem! — respondeu Amélia, afastando aparentemente o telefone. — Assim não preciso de repetir!

Teresa começou a rir.

— O pai está bem?

— Está ótimo. Anda há meia hora à procura de uma chave de fendas que tem no bolso.

— Diz-lhe que veja no bolso.

— Já lhe disse. Não acredita em mim.

Ouviu-se um ruído, uma exclamação de surpresa e depois a voz de Augusto, mais distante:

— Afinal estava aqui.

— Uma novidade extraordinária — comentou Amélia. — Olha, filha, então vens no dia vinte e três?

— Em princípio, sim. Saio da editora ao almoço e sigo viagem.

— E ficas até quando?

— Até dia vinte e seis.

— Só?

— Mãe...

— Estou a perguntar.

— Tenho trabalho.

— No dia vinte e sete?

— Tenho coisas para fazer.

— Que coisas?

— Coisas minhas.

Amélia suspirou.

— Uma pessoa cria uma filha durante dezoito anos, dá-lhe de comer, leva-a à escola, passa noites sem dormir quando tem febre, e depois chega aos setenta e dois anos e já não pode perguntar que coisas são essas.

— Podes perguntar.

— Então?

— E eu posso não responder.

— Isso é muito moderno.

Teresa encostou-se à janela. Lá em baixo, um homem tentava abrir um guarda-chuva que se recusava a colaborar. Duas mulheres atravessavam a rua com sacos de compras e um autocarro parara junto ao passeio, deixando sair uma pequena multidão de pessoas apressadas.

— Mãe, vou estar aí. Prometo.

— E vens sozinha?

Teresa franziu o sobrolho.

— Com quem havia de ir?

— Não sei. Perguntei.

— Mãe...

— O quê?

— Estás a preparar alguma coisa?

— Estou a preparar o Natal, Teresa. Já te disse.

— Não me refiro ao bacalhau.

— Também vou fazer polvo.

— Mãe!

— E cabrito no dia vinte e cinco. O teu irmão diz que os miúdos preferem peru, mas eu não vou passar a vida a cozinhar aves só porque os meus netos acham que os animais com quatro patas são todos muito simpáticos.

Teresa riu-se novamente.

— Faz o que quiseres.

— É o que faço.

— Eu sei.

Houve uma pequena pausa.

— Olha, filha...

Teresa reconheceu imediatamente a mudança de tom.

— Sim?

— Estás feliz?

A pergunta apanhou-a desprevenida.

Olhou para a secretária, para o manuscrito de Marta, para a chávena de café esquecida junto ao teclado. Pensou no apartamento onde vivia, nos livros que se acumulavam nas estantes, nas amigas com quem jantava às sextas-feiras, nas viagens que fazia quando podia e na tranquilidade que conquistara depois de um divórcio que, embora civilizado, lhe consumira mais energia do que gostava de admitir.

— Estou, mãe.

— Ainda bem.

— Porquê?

— Porque sim.

— Amélia Figueiredo, o que é que se passa?

— Nada, filha. Uma mãe já não pode querer saber se a filha é feliz?

— Pode. Mas quando perguntas assim, normalmente há qualquer coisa.

— Há o Natal. E tenho saudades tuas.

Teresa sentiu uma ternura súbita.

— Eu também tenho saudades tuas.

— Então vem mais cedo.

— Mãe!

— Pronto, pronto. Vai trabalhar. Não te esqueças de trazer aquele queijo de que o teu pai gosta.

— Qual queijo?

— Aquele que trouxeste no ano passado.

— Mãe, no ano passado levei três queijos.

— O do meio.

E desligou.

Teresa ficou alguns segundos a olhar para o telefone.

Depois regressou à secretária.

Marta esperava com uma expressão impaciente.

— Está tudo bem?

— Está. A minha mãe já começou a organizar a consoada.

— Ainda falta um mês.

— Para ti. Para ela, já estamos atrasados.

Marta abriu o manuscrito.

— Então, quanto ao final...

Teresa sentou-se.

— Marta, antes de voltarmos ao autocarro, deixa-me fazer-te uma pergunta.

— Qual?

— Tu acreditas no amor?

A escritora pareceu ofendida.

— Evidentemente.

— Então porque é que tens tanta vontade de o matar?

Na aldeia, Amélia pousou o telefone sobre a mesa da cozinha com a satisfação de quem acabara de concluir uma negociação internacional particularmente delicada.

Augusto estava junto ao lava-loiça, a descascar uma laranja.

— Então?

— Vem no dia vinte e três.

— Já sabíamos.

— Ao almoço.

— Muito bem.

— E fica até dia vinte e seis.
— Ótimo.
Amélia não respondeu.
Augusto conhecia aquele silêncio.
— O que foi agora?
— Nada.
— Amélia.
— Estava a pensar.
— Isso preocupa-me.
Ela ignorou-o e abriu o caderno vermelho.
Na primeira página escrevera, em letras grandes, NATAL 2026. Por baixo, uma lista de nomes, quantidades e tarefas distribuídas por datas. Havia também várias anotações que só ela compreendia, incluindo uma particularmente misteriosa: Não deixar a Adelaide mexer no arroz-doce.
Augusto apontou para o caderno.
— Ainda vais acabar por contratar uma secretária.
— Não preciso. Preciso é que me ajudes.
— Eu ajudo.
— Então vai à garagem buscar a mesa dobrável.
— Outra vez?
— Preciso de ver se cabe na sala.
— Cabe. Coube no ano passado.
— No ano passado tínhamos menos duas pessoas.
— E no anterior tínhamos mais três.
— Augusto, não me compliques a vida.
Ele colocou um gomo de laranja na boca.
— Estava tão sossegado antes de me reformar.
— Antes de te reformares também não fazias nada em casa.
— Precisamente. Era uma vida organizada.
Amélia atirou-lhe o pano da loiça.
Augusto apanhou-o no ar, fez uma pequena vénia e saiu da cozinha a rir.
Era assim que funcionavam há quase cinquenta anos.
Discutiam sobre coisas pequenas, concordavam nas grandes e tinham aprendido a reconhecer o amor nos gestos mais banais. Augusto nunca se lembrava de comprar flores, mas todas as manhãs preparava o café da mulher antes de ela acordar. Amélia raramente lhe dizia que o amava, mas sabia exatamente como ele gostava das torradas, onde guardava os comprimidos e qual era a camisola que devia deixar junto à cama nas noites mais frias.
Tinham-se conhecido numa festa de verão, quando ela tinha vinte e três anos e ele vinte e cinco.

Augusto pedira-lhe para dançar.

Amélia respondera que não sabia.

— Eu ensino — dissera ele.

— E sabes?

— Também não.

Dançaram na mesma.

Quarenta e oito anos depois, continuavam a fazer muitas coisas sem saber exatamente como.

E, na maior parte das vezes, resultava.

Amélia estava a verificar a lista de sobremesas quando a campainha tocou.

Não precisou de ir à porta para saber quem era.

— Entra, Rosa! Está aberta!

Rosa Martins apareceu pouco depois na cozinha, trazendo um saco de pano e um guarda-chuva fechado. Tinha setenta anos, cabelo grisalho cuidadosamente penteado e uma energia que parecia aumentar sempre que alguém lhe dizia para descansar.

Era amiga de Amélia desde a escola primária. Tinham partilhado carteiras, segredos, namorados que não deram em nada, casamentos, nascimentos, doenças, funerais e uma quantidade impressionante de receitas que nenhuma das duas seguia exatamente como a outra ensinava.

Rosa pousou o saco sobre a mesa.

— Trouxe-te as nozes.

— Quantas?

— Dois quilos.

— Só?

— Amélia, são nozes, não são batatas.

— Preciso delas para as broas, para o bolo de noz e para os sonhos.

— Os sonhos levam nozes desde quando?

— Os meus levam, se eu quiser.

Rosa tirou o casaco.

— O Augusto está?

— Foi buscar uma mesa.

— Outra?

— Não comeces tu também.

Rosa sentou-se e aceitou uma chávena de café.

— Então, já falaste com a Teresa?

Amélia levantou os olhos.

— Já.

— E?

— Vem no dia vinte e três.

— E disseste-lhe?

— Claro que não.

Rosa levou a chávena aos lábios.

— Amélia, não gosto nada dessa ideia.

— Qual ideia?

— Sabes perfeitamente.

— Não estou a fazer nada.

— Ainda.

Amélia sorriu.

— Vocês combinaram todos usar essa palavra hoje?

Rosa pousou a chávena.

— O Miguel não é um rapaz de vinte anos. E a Teresa também não. São duas pessoas adultas, com vidas feitas.

— Desfeitas — corrigiu Amélia.

— Não sejas má.

— Não estou a ser má. Estou a ser factual. A Teresa divorciou-se. O Miguel separou-se. Ambos estão sozinhos.

— Estar sozinho não é uma doença.

— Eu sei. Mas também não é obrigatório continuar assim quando se gosta de alguém.

Rosa suspirou.

— Tu não sabes se ainda gostam um do outro.

— Sei que gostavam.

— Há vinte e três anos.

— E então?

— E então que vinte e três anos são muitos anos.

Amélia abriu uma caixa de bolachas e colocou-a entre as duas.

— Rosa, tu e eu conhecemo-nos há sessenta e quatro anos.

— Infelizmente.

— E ainda gostas de mim.

— Há dias em que tenho dúvidas.

— Pois. O tempo não estraga tudo.

Rosa pegou numa bolacha.

— O Miguel não sabe que a Teresa vem cá passar o Natal.

— Não tem de saber.

— E a Teresa não sabe que o Miguel voltou.

— Também não tem de saber.

— Amélia...

— O quê?

— Promete-me que não vais fazer nenhuma maluquice.

Amélia pareceu genuinamente ofendida.

— Rosa Martins, alguma vez fiz uma maluquice?

A amiga olhou para ela demoradamente.

— Queres que comece pela festa de São Bernardo de oitenta e quatro ou pelo casamento da tua sobrinha?

— Isso foram circunstâncias excecionais.

— Tu meteste um acordeonista dentro de uma carrinha frigorífica.

— Estava desligada!

— E no casamento da tua sobrinha trocaste os lugares de quarenta convidados.

— E correu muito bem.

— O padre acabou sentado ao lado da tua prima divorciada, que passou o jantar a perguntar-lhe se o celibato era uma escolha ou uma falta de oportunidades.

Amélia soltou uma gargalhada tão sonora que Augusto apareceu à porta.

— O que foi?

— Estamos a falar do casamento da Patrícia.

Ele abanou a cabeça.

— Coitado do padre.

— Coitado nada — respondeu Amélia. — Comeu três pratos de leitão e levou uma caixa de doces.

Augusto aproximou-se da mesa, cumprimentou Rosa com dois beijos e roubou uma bolacha.

— Então, Rosa, o teu rapaz já chegou?

— Chega na sexta-feira.

— Vai ficar muito tempo?

— Até ao fim de janeiro, pelo menos.

Amélia fingiu concentrar-se no caderno.

— Tanto tempo?

Rosa lançou-lhe um olhar.

— Vai ajudar-me a tratar da casa e de uns assuntos da quinta.

— Faz bem — comentou Augusto. — Um homem precisa de ocupar a cabeça.

— E o coração — acrescentou Amélia.

Rosa pousou a bolacha.

— Amélia!

— O que foi? Estou a falar de saúde cardiovascular.

Augusto começou a rir.

— Mulher, tu ainda vais dar cabo de nós todos.

— Antes isso do que deixar-vos morrer de aborrecimento.

Miguel Martins chegou à aldeia numa sexta-feira ao fim da tarde, conduzindo um automóvel carregado de malas, livros, uma caixa de vinho do Douro e um candeeiro que a mãe lhe pedira para trazer do Porto.

Tinha quarenta e quatro anos, cabelo escuro com alguns fios grisalhos nas têmporas e o rosto de quem passara os últimos anos a aprender que a vida raramente respeitava os planos feitos aos trinta.

Era arquiteto, tinha um pequeno atelier no Porto e, depois de uma separação sem grandes guerras, começara a descobrir o prazer de não precisar de justificar a ninguém porque gostava de jantar às nove ou de passar uma manhã inteira a ouvir música.

Gostava da sua vida.

Gostava do trabalho, dos amigos, dos domingos preguiçosos e da liberdade de decidir, à última hora, que ia passar o fim de semana junto ao mar.

Mas também gostava daquela aldeia.

Gostava do cheiro a lenha queimada nas tardes frias, dos campos molhados, das conversas demoradas à porta da mercearia e da maneira como toda a gente parecia saber que ele chegara antes de ter estacionado o carro.

A mãe esperava-o junto ao portão.

— Estás mais magro.

Miguel saiu do carro e abraçou-a.

— Olá, mãe. Também tive saudades tuas.

Rosa apertou-o com força.

— Não comes?

— Como todos os dias.

— Não parece.

— É uma característica muito comum das pessoas que emagrecem.

— Não te armes em engraçado.

Beijou-o novamente.

Miguel olhou para a casa, para as janelas iluminadas e para a velha magnólia que crescera junto ao muro.

— Está tudo igual.

— O telhado não. Mandei arranjá-lo.

— Fizeste bem.

— E pintei a cozinha.

— De que cor?

— Amarelo.

Miguel fechou os olhos.

— Mãe, a cozinha já era amarela.

— Agora é um amarelo diferente.

— Naturalmente.

Entraram.

A casa cheirava a sopa de legumes, pão quente e canela. Sobre a mesa estavam duas tigelas, uma travessa de pataniscas e uma salada de feijão-frade que Rosa preparara porque o filho sempre gostara dela.

Miguel pousou a mala.

— Mãe, disseste que íamos jantar uma coisa leve.

— E vamos.

Ele olhou para a mesa.

— Isto é uma coisa leve?

— Ainda não viste o que está no forno.

— Tenho medo de perguntar.

— Frango assado.

— Para quantas pessoas?

— Para nós os dois.

Miguel riu-se.

— Trouxe vinho.

— Ainda bem. O teu tio Manuel vem cá amanhã e bebe tudo o que encontra.

Sentaram-se.

Durante os primeiros minutos, Rosa quis saber tudo: como estava o trabalho, se o apartamento tinha humidade, se o carro precisava de pneus, se continuava a falar com os amigos, se dormia bem e se havia alguém na sua vida.

Miguel respondeu às primeiras perguntas com paciência.

À última, respondeu com uma patanisca.

— Mãe, isto está ótimo.

— Não mudes de assunto.

— Não estou a mudar. Estou a elogiar a cozinheira.

— Tens alguém?

— Tenho.

Rosa ficou imóvel.

— Tens?

— Tenho-te a ti.

— Miguel!

Ele desatou a rir.

— Não, mãe. Não tenho ninguém.

Rosa tentou disfarçar a satisfação.

— Também não há pressa.

— Ainda bem.

— Mas não és nenhum rapaz.

— Obrigado por me lembrares.

— Quero dizer que a vida passa.

Miguel serviu-se de salada.

— Passa para toda a gente.
— E às vezes aparecem oportunidades.
Ele ergueu os olhos.
— Que oportunidades?
— Oportunidades, filho.
— Mãe, estás a falar como um anúncio de investimentos.
Rosa sorriu e bebeu um gole de água.
— A Amélia perguntou por ti.
Miguel parou de mastigar.
— A Amélia?
— Sim.
— Está bem?
— Está ótima. Anda a organizar o Natal.
— Portanto, está a organizar uma operação militar.
— Mais ou menos.
Miguel sorriu.
— E o Augusto?
— Continua a fazer de conta que manda alguma coisa.
Riram-se.
Rosa cortou um pedaço de frango.
— A Teresa também vem.
A frase ficou entre os dois durante um instante.
Miguel pousou o garfo.
— A Teresa?
— A filha da Amélia.
— Eu sei quem é, mãe.
— Perguntaste.
— Foi uma maneira de falar.
Rosa tentou parecer distraída.
— Parece que vem passar o Natal com a família.
Miguel olhou para o prato.

Havia nomes que pertenciam a uma determinada época da nossa vida e que, quando voltávamos a ouvi-los, traziam consigo mais do que uma pessoa. Traziam lugares, cheiros, canções, tardes inteiras e uma versão de nós próprios que julgávamos esquecida.

Teresa era um desses nomes.

Tinha sido a primeira mulher que Miguel amara verdadeiramente.

Não a primeira namorada, nem o primeiro beijo, nem a primeira paixão de verão.

A primeira pessoa com quem imaginara uma vida inteira.

Conheceram-se ainda crianças, cresceram na mesma aldeia e passaram a adolescência a discutir sobre tudo, desde música até à maneira correta

de comer cerejas. Teresa dizia que se deviam comer devagar, apreciando cada uma. Miguel metia três na boca e tentava acertar com os caroços num balde.

Ela estudara em Lisboa. Ele no Porto.

Durante algum tempo, conseguiram manter o namoro entre viagens de comboio, chamadas telefónicas e fins de semana que terminavam sempre demasiado depressa.

Depois chegaram os empregos, as oportunidades, as escolhas.

E um dia perceberam que estavam a construir duas vidas em cidades diferentes, à espera de que uma delas acabasse por mudar de direção.

Nenhum quis pedir ao outro que desistisse.

Separaram-se numa tarde de setembro, junto à praia da Nazaré, depois de uma conversa longa que começou com lágrimas e terminou com um abraço.

Não houve traições.

Não houve mentiras.

Não houve sequer uma discussão memorável que pudesse servir de explicação.

Houve apenas duas pessoas demasiado novas para perceberem que, às vezes, o amor também exige a coragem de fazer planos em conjunto.

Miguel casara anos depois.

Teresa também.

Tinham-se encontrado ocasionalmente em casamentos, batizados e funerais, sempre com a delicadeza um pouco desajeitada de quem conhece demasiado bem uma pessoa para conseguir tratá-la como uma simples conhecida.

Nos últimos anos, porém, não se tinham visto.

— Está bem? — perguntou finalmente.

Rosa levantou os olhos.

— Quem?

Miguel sorriu.

— Mãe...

— Ah, a Teresa. Está ótima, pelo que a Amélia diz.

— Ainda trabalha nos livros?

— Trabalha.

— Sempre conseguiu fazer aquilo de que gostava.

— Parece que sim.

Miguel pegou no copo.

— Fico contente.

Rosa observou-o.

— Sabes, filho, às vezes a vida dá umas voltas engraçadas.

— Dá.

— E as pessoas mudam.
— Mudam.
— E há coisas que...
— Mãe.
— Sim?
— A Amélia já falou contigo, não foi?
Rosa ficou muito direita na cadeira.
— Falou comigo sobre quê?
Miguel começou a rir.
— Sobre a Teresa.
— A Amélia fala comigo sobre muitas coisas.
— Claro.
— Somos amigas há sessenta e quatro anos.
— Eu sei.
— Não podemos conversar?
— Podem. Mas se começarem a organizar casamentos, avisem-me com antecedência. Preciso de escolher um fato.
Rosa atirou-lhe um guardanapo.
E os dois riram-se tanto que, durante alguns minutos, o passado deixou de ser uma coisa complicada e passou a ser apenas mais uma história de família.
No primeiro sábado de dezembro, Teresa foi almoçar com a melhor amiga a um restaurante pequeno no Príncipe Real.
Inês conhecia-a desde a universidade e tinha o hábito de lhe dizer verdades desagradáveis com uma simpatia tão convincente que Teresa só se apercebia de ter sido insultada quando já estava a rir.
Era médica dentista, mãe de duas raparigas adolescentes e casada com um homem que, segundo ela, possuía três grandes virtudes: sabia cozinhar, não ressonava e nunca perguntava onde estavam as próprias meias.
— Então vais passar o Natal à aldeia? — perguntou, enquanto dividia uma entrada de cogumelos salteados.
— Como todos os anos.
— E a tua mãe já começou a ligar?
— Há duas semanas.
— Quantas vezes?
— Perdi a conta.
— Isso significa que já ultrapassou as vinte.
Teresa bebeu um gole de vinho.
— Ontem telefonou-me para perguntar se eu preferia sonhos de abóbora ou de cenoura.
— E tu?

— Disse-lhe que gostava dos dois.

— Erro de principiante.

— Eu sei. Agora vai fazer quatro travessas.

Inês riu-se.

— Adoro a tua mãe.

— É porque não és filha dela.

— A tua mãe é uma instituição nacional. Devia ter uma placa à entrada da aldeia.

Teresa pegou num pedaço de pão.

— Sabes o que me perguntou no outro dia?

— Se estás a comer bem?

— Se estou feliz.

Inês pousou o garfo.

— E estás?

— Tu também?

— Estou a perguntar.

— Estou bem.

— Não foi isso que perguntei.

Teresa suspirou, mas sorria.

— Estou feliz, Inês. Gosto da minha vida. Gosto do meu trabalho, da minha casa, dos meus amigos. Não preciso de um homem para me sentir completa.

— Ninguém disse que precisavas.

— A minha mãe acha que sim.

— A tua mãe acha que toda a gente precisa de alguém a quem servir sopa.

Teresa soltou uma gargalhada.

— Isso é verdade.

Inês inclinou-se ligeiramente sobre a mesa.

— Mas há uma diferença entre não precisares de um homem e não quereres apaixonar-te outra vez.

Teresa ficou calada por um instante.

— Não tenho nada contra apaixonar-me.

— Ótimo.

— Só não ando à procura.

— Ainda melhor. Normalmente é quando aparecem os mais interessantes.

— Isso é uma teoria científica?

— Sou médica. Tens de confiar em mim.

— És dentista.

— O amor também provoca dores de dentes. Sobretudo quando escolhemos mal.

As duas riram-se.

O empregado aproximou-se para recolher os pratos e anunciar as sugestões do dia. Teresa escolheu robalo grelhado. Inês pediu bochechas de porco com puré de batata-doce e insistiu em que dividissem uma sobremesa.

Quando ficaram novamente sozinhas, Inês retomou a conversa.

— E nunca pensaste em voltar a falar com o Miguel?

Teresa ergueu os olhos.

— Que Miguel?

Inês abriu um sorriso.

— Olha que interessante.

— O quê?

— Fizeste exatamente a mesma cara que fazias aos vinte anos quando alguém falava dele.

— Não fiz nada.

— Fizeste.

— Inês, não vejo o Miguel há anos.

— Eu sei.

— E não sei sequer onde anda.

— Sei eu.

Teresa pousou o copo.

— Sabes?

Inês sorriu ainda mais.

— Afinal, interessa-te.

— Estou a fazer conversa.

— Naturalmente.

— Inês!

— Está no Porto. Continua arquiteto. Separou-se há uns tempos.

Teresa ficou a olhar para a amiga.

— Como sabes isso tudo?

— Porque tenho redes sociais e sei utilizá-las.

— Andaste a investigar o Miguel?

— Não. Encontrei-o por acaso.

— Onde?

— Numa fotografia de um projeto de arquitetura. Depois fui ver o perfil.

— Isso chama-se investigar.

— Chama-se curiosidade cultural.

Teresa abanou a cabeça.

— És impossível.

— E ele continua muito bonito.

— Inês!

— O quê? Não estou cega.

Teresa tentou manter uma expressão séria, mas acabou por rir.

— Não mudaste nada desde a universidade.

— Mudei imenso. Agora pago impostos e tenho duas filhas que acham que sou uma vergonha.

O almoço prolongou-se até meio da tarde.

Falaram dos filhos de Inês, dos livros de Teresa, das férias que gostariam de fazer no verão seguinte e da estranha tendência que os homens da idade delas tinham para publicar fotografias ao volante de automóveis com óculos de sol.

Quando se despediram, Inês abraçou-a.

— Olha, Teresa...

— Sim?

— Se o Natal te trouxer alguma coisa boa, não comeces logo a procurar defeitos.

Teresa sorriu.

— Estás a falar de quê?

— De tudo. De um presente, de uma oportunidade, de um homem bonito que apareça à tua frente com um copo de vinho.

— Tu e a minha mãe deviam abrir uma agência matrimonial.

— Já pensei nisso. Mas a tua mãe ia querer alimentar os clientes.

Teresa entrou no carro ainda a rir.

Conduziu até casa com o rádio ligado e as ruas de Lisboa iluminadas pelas primeiras decorações natalícias. Na Avenida da Liberdade, as árvores brilhavam com milhares de pequenas luzes, os passeios enchiam-se de famílias e grupos de amigos, e havia qualquer coisa de contagiante naquela agitação que todos os anos transformava a cidade.

Gostava do Natal.

Gostava mesmo.

Não apenas dos presentes ou das festas, mas daquela sensação de que, durante alguns dias, as pessoas se lembravam de procurar umas às outras. Gostava das mesas compridas, das conversas que atravessavam gerações, das crianças a correr entre as cadeiras e dos adultos a prometer que naquele ano não iam comer tanto.

Na família Figueiredo, essa promessa costumava durar até à chegada das entradas.

Teresa sorriu sozinha.

Tinha saudades de casa.

E, pela primeira vez em muitos anos, começou a pensar que talvez pudesse sair de Lisboa um pouco mais cedo.

Na manhã do dia oito de dezembro, Amélia Figueiredo acordou às seis e meia.